

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO V—Número 1.469

Sábado, 8 de Setembro de 1923

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º e Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

UMA RECLAMAÇÃO DO POVO

O tipo único de pão

O país, com excepção de moageiros, apaniguados e ricos, é contra o regime dos três tipos :

O tipo único de pão é a reclamação que maior número de pessoas pode reunir em concordância. É o pão popular. Toda a população o deseja. As próprias Juntas de Freguesia que são compostas por monárquicos, republicanos, que reúnem todas as opiniões políticas, que são eleitos por criaturas de todas as opiniões, são também, unanimemente pelo tipo único. Desde o proletário descrente da acção política, que tem a maior indiferença por todas as ideias políticas, que acompanha com o maior entusiasmo as ideias mais avançadas até às criaturas, raras por sinal que ainda votam, todos se irmanam na mesma reclamação: — o tipo único.

Nenhuma reclamação neste momento pode encontrar maior número de adeptos. Toda a população lhe é favorável.

A organização operária encontra-se pois acompanhada de toda a população do país—excepção de moageiros, políticos, apaniguados, ricos—na sua defesa persistente do tipo único.

O governo desta república dá em face deste movimento unânime de pão uma ideia muito triste. Nunca como hoje, se pôde afirmar que um governo se encontra divorciado do país, porque nunca um governo deu tanta manifesta e completa prova de discordância com o povo.

O próprio ministro da Agricultura que numa sacudida impulsiva suprimiu o pão político e instituiu os três famigerados tipos o reconhece, sentindo fugir-lhe dia-a-dia o terreno debaixo dos pés. E como o reconhece vê-se forçado a prometer que dentro em breve o tipo único será instituído.

Será a sua promessa uma simples afirmação química e vaga destinada a iludir as aspirações positivas da população? Quasi nos atreviamos a pôr-lhe uma negativa. Por confiamos nas promessas ministeriais do sr. Joaquim Ribeiro? Não. Nunca ligamos importância ao que os políticos e governos nos dizem. Não são as suas palavras, mas sim as suas obras que nos merecem atenção. Contudo, se dizemos que é possível que o ministro da Agricultura, ao prometer o tipo único, tenha a intenção de o fazer, é que achamos demasiado que ele ouse brincar com a população num assunto de tamanha importância.

A campanha que se fez contra o tipo único de pão, alveja evidentemente a impedir que ele seja posto em prática. Os jornais a quem a sua criação desagrada, servem-se para sustentar esta estranha opinião dos argumentos mais falsos e insensatos.

Um deles é o de que o tipo único virá a ser mais caro que o pão de 3.º. Não se compreende que isso se afirme com tamanha segurança, visto até à data, ainda não estar fixado o preço porque ele será vendido.

De passagem diremos que o tal pão de 3.º é uma porcaria intragável e nocivo que só de pão tem o nome. O outro o de 1.º e 2.º é que tem uma aparência de pão, e embora esteja longo, muito longo mesmo, de ser pão, é o suportável. O de 3.º é, como está sendo fabricado absolutamente intragável. Não é pão. É o crime, é o envenenamento amassado.

O tipo único não deve, nem pode ser, um agravamento para o orçamento do proletariado. Deve e tem de ser em relação ao regime de pão, actualmente em vigor, de uma dupla vantagem no preço e na qualidade.

Éis o que a organização operária reclama e com ela toda a população do país.

O contrário disto, podem-nos dizer alguns jornais, mas dizem-nos mentindo na sua ansia de prejudicar a população e de favorecer quem dela é inimiga.

NOTAS & COMENTÁRIOS

Antes assim

«O Correo da Manhã» mostrou-se singularmente irritado com o facto das forças operárias estarem com a C. G. T. e de esta não se afastar do espírito que a norteia. E, como a monarquia, como de resto a república, não encontra terreno para sementeiras políticas vãs de atacar durante os seus militantes. Os ataques vindos de adversários são para a C. G. T. um prêmio consolador. Significa que ela se desempenha da sua missão. Se o «Correo da Manhã» a elogiasse é que o caso seria para causar apreensões e fazer reflectir. E que o elogio dos adversários nunca é gratuito. Ou é uma manobra, ou prova que ele está lucrando com a acção do elogiado. Por isso, preferimos o ataque, embora injusto, mesmo calunioso como o do «Correo da Manhã».

Feroz ingenuidade

«O Primeiro de Janeiro», insere na sua correspondência política de Lisboa, queixas sóbrias sobre a acção política que não é suficiente para se opor ao desenvolvimento da propaganda revolucionária.

O articulista ainda é dos odiosos e primitivos tempos em que se supunha que enforcando um homem se enforcava uma ideia.

A propaganda avançada baseia-se sempre nas injustiças. Quanto mais injusta e repressiva é uma sociedade, mais a propaganda alastra e convence. S. Julião da Barra não é com a sua função de manter operários presos sem culpa formada mais do que uma fonte de descrédito para um regime desacreditado na alma popular.

«Passez à la caisse»

R. T. no «Correo da Manhã» diz num artigo leve como a asa duma borboleta algumas pesadas verdades sobre a imprensa francesa e belga.

Os grandes jornais «Temps» e «Matin» e outros que é desnecessário citar fazem de tudo o que quasi tudo que nas suas colunas vem inserido uma fonte de receita. Desde a nação que pretem vender o seu petróleo, à balnearia que pretende alugar os seus sorrisos, do pai que pensa noticiar o nascimento dum

Suplícios

em S. Julião da Barra?

Consta-nos que um dos soldados que se encontra preso na Torre de S. Julião da Barra, a pretexto da fuga de presos daquela fortaleza tem sido vítima de maus tratos e até de agressões violentas.

Esse soldado encontra-se numa prisão horrível, exalando o próprio um cheiro fétido, proveniente da atmosfera e das condições anti-higiénicas em que se encontra enclausurado.

Os castigos corporais, foram há muito abolidos.

Se, como nos consta é verdade estar um soldado sofrendo suplícios e arriscado a contrair doenças incuráveis, por um delito fantástico, lavramos o nosso mais enérgico protesto contra essa tentativa de ressurreição dos tempos inquisitoriais.

Em auxílio de escolas operárias

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, a festa que se devia ter efectuado no dia 11 do mês passado, em auxílio das escolas que a Secção de Palma mantém.

Haverá certamente de fados, no qual tomam parte vários cultores do Grupo Solidariedade. Propagadores do Fado.

A comissão escolar lembra a todos os operários conscientes que que cumpram o seu dever auxiliando estas escolas.

filho ou do genitor que quer relatar a morte da sogra—tudo é fado.

Muitas vezes os jornais «Diário de Notícias» e «Século» quando atacam a Rússia dizem que transcreveram os seus ataques do insuspeito «Temps», do insuspeito «Matin». São realmente insuspeitos. Todos esses ataques foram pagos.

«Passez à la caisse»

UMA PREVENÇÃO

Os operários para Africa

Não devem aceitar os contratos das agências porque são uma verdadeira burla

A situação dos operários contratados do Estado é miserável, a despeito de todas as reclamações tendentes a fazer terminar tam odiosa anomalia.

São constantes os avisos e apelos vindos de Loanda para que os operários não caiam no logro, recorrendo aos anúncios publicados nos jornais, dimanados das agências do sr. Norton de Matos; as cláusulas dos contratos firmados não são respeitadas.

Uma grande parte dos operários contratados tem procurado rescindir os contratos ao abrigo duma portaria n.º 54, que não passa duma verdadeira e inqualificável burla!

A portaria n.º 54 é uma ratificação, onde são apanhados os incautos. Ultimamente, confiados nessa portaria — foram presos uns 10 operários por terem abandonado o serviço, em virtude de não poderem suportar os ínfimos salários que percebiam.

Quantos operários não são metidos em escoltas, e conduzidos à Fortaleza por quererem rescindir os seus contratos.

Ainda não há muito tempo, foram presos e escoltados dois operários que estavam trabalhando para um particular, onde ganhavam mais alguma coisa! Pois lá foram parar à Fortaleza de S. Miguel. A outros acontece trabalhar e não perceberem os seus vencimentos!

E as multas? Também isso lhes não falta.

Quanto aos alojamentos nem é bom falar nisso! Nos hotéis, arranja-se um simples quarto, mas levam, como é costume dizer-se o couro e cabelo, ou então tem de ir parar com o corpo à Fortaleza do Penedo (Casa da Reclusão), que é os alojamentos que o Estado fornece!

A vida em Loanda está elevadíssima e para elucidação daqueles que queiram tentar a aventura diremos que um operário se vê obrigado a comprar os géneros de primeira necessidade aos seguintes preços: azeite, 20\$00; o litro; batatas, 2\$50; o quilo; arroz, 5\$00; 1 quarto, 12\$00; por mês; 1 fado de kaki, 25\$00; 1 par de botas, 12\$00, etc., etc.

Como pode um contratado fazer face à vida e às mais preciosas das suas necessidades com o salário de 20\$00 escudos diários? Como pode um contratado, que tenha família constituída, mantê-la com um irrisório salário? Como podem os contratados continuar sujeitos a esse regime de miséria e de fome?

Esse regime, não se julgue que é sómente para os operários incautos ou para aqueles que não tem profissão, e que vão à aventura, confiados nas vantagens ofere-

cidas pelos contratantes. Não! Ele é também para os operários da indústria gráfica e outras!

Há dias recebemos uma carta circunstanciada relatando o que se passa em Loanda, e chamando a atenção dos operários gráficos e da respectiva associação dos Compositores Tipográficos, para impedir que os seus membros sejam contratados, nas condições em que alguns tem ido. Os promettimentos são muitos em Lisboa, mas chegando a Loanda, desaparecem.

Protege-se desenvolver as oficinas da Imprensa Nacional, explorando os operários. No vapor Guiné vem um contratado de brancos. Os ordenados são para 1 compositor de 1.ª classe, 950\$00; de 2.ª 700\$00. Paga de comida no hotel, 350\$00; roupa lavada, 40\$00; de dormida 150\$00; total: 540\$00.

Nesta verba não estão metidos os extraordinários.

Com semelhantes ordenados não é possível viver-se, mas simplesmente vegetar.

Não pode ser!

Os operários tem o dever de não se sujeitarem—para que sejam tomados na devida consideração pelas agências—a assinar contratos que os colocam numa situação de verdadeiros degradados! Aí fica a prevenção!

Aí fica a prevenção!

A BOA PAZ

A questão internacional

Não confundamos a obra da Revolução russa com a obra de domínio do governo

Menos por espírito de tendência, do que por reconhecer necessário tornar conhecido entre nós algo do muito já sabido internacionalmente como condição indispensável para se avaliar a crítica e a semi-razão da defesa da política comunista, é que tenho transcrito os depoimentos e documentos nos artigos anteriores.

Depois duma interrupção forçada por motivos que não vem para o caso, e ao retomar o tema do estudo, julgo necessário realçar que a despeito e talvez mesmo por motivo dos factos russos, a revolução e tudo o mais que se lhe sucedeu, constituem o mais elevado ensinamento que os últimos tempos nos foi dado observar.

Ninguém pode, com boa fé, negar a grandiosa influência que a revolução russa produziu em todo o mundo proletário e social. Depois de ter contribuído poderosamente para o levantamento moral da classe trabalhadora em todos os países, levando-a a readquirir a fé na Revolução Social—que tem embodada ficou pela guerra—e a esperança num Porvir de justiça, a Revolução Russa chamou o proletariado ao campo das realidades revolucionárias positivas.

Os problemas da expropriação e da socialização das riquezas, a gestão da produção, a troca e consumo, todos os problemas contidos na economia apresentaram-se com maior clareza e nitidez aos olhos dos trabalhadores e especialmente dos militantes revolucionários e não se pode negar que o que até então era considerado quasi só sob o ponto de vista teórico passou a ser encarado como uma possibilidade de realização imediata.

As soluções, mais ou menos formalistas e fantasiosas, surgiram de vários lados, admitindo como foi a hipótese duma conflagração social sucedendo-se à conflagração guerreira e imperialista, em que a classe trabalhadora e os seus organismos houvessem de tomar uma parte activa e decisiva.

Os homens que, entregues às lides do pensamento, da ciência, e da arte se conservavam a uma respeitável distância das lutas que há muito se verificam por motivo da questão social, não puderam, em grande parte, lutar-se à influência das correntes revolucionárias que se activaram sob a pressão poderosa da Revolução Russa. Alguns ficaram estivos e por formas várias prestam agora ao conjunto da causa revolucionária mundial um valioso concurso.

Sem recelido de contestação pode afirmar-se que, a despeito de toda a sorte de contradições impostas à revolução russa pelos governos capitalistas e pelo governo que por via da mesma revolução se apassou do poder naquele país, o gesto de libertação daquele grande e oprimido povo constitui um dos maiores passos que a história regista, pois

abriu clareiras novas na trada barrancosa que conduz a uma idade de justiça e de ideais.

A questão está apenas em não se confundir a obra em andamento tentada pelo povo russo e a obra de domínio e escravização do governo saído da revolução. Para os revolucionários que hajam de imprimir orientação aos movimentos das massas trabalhadoras em cada país tem extraordinária importância as transes e a situação da classe operária russa assim como a obra do seu governo.

A grande experiência tentada na Rússia, tendo que ser estudada sob os duplos pontos de vista teórico e prático, não pode ser apresentada aos trabalhadores do mundo, que tem que fazer a Revolução que os emancipará, apenas sob o aspecto que a obra tem apresentado os dirigentes russos; estes falam como governantes, e os seus agentes outra coisa não fazem senão repetir em todas as línguas o que aqueles dizem.

Compreendese, aquela linha de conduta. Presos a compromissos revolucionários de carácter moral, eles jogaram simultaneamente com as forças do proletariado nacional e internacional e as forças da burguesia e do capitalismo.

De ambos os lados pretendiam tirar partido e a mim não me repugna acreditar que a sua pretensão fosse, exactamente, de favorecer o incremento revolucionário mundial.

Quando os bolchevistas iniciaram as perseguições sobre os elementos revolucionários avançados por estes persistirem em defender os soviets livres e as relações morais e económicas entre os operários das cidades e os campos, exercidas sob um plano de recíproca liberdade; quando, pelo contrário, tolhendo toda a livre iniciativa popular, concentraram nos órgãos do novo Estado toda a iniciativa e direcção da produção, da troca, da distribuição e das demais relações sociais, talvez assim procedessem convencidos de que seria a melhor forma de ordenar tudo o que, por efeito da Revolução, ficou em desordem, em caos, tanto mais que as massas convulsionadas eram vítimas de crassa ignorância e simplesmente poderiam ser arrastadas pelos agentes da burguesia nacional ou internacional.

Os esforços desta eram visíveis, reais, e perante o perigo não hesitaram em tudo centralisarem e a todos obrigarem a obedecer, nos campos e nas cidades, pelo ferro e pelo fogo.

Mas o tempo encarregou-se de demonstrar quanto de erróneo teve aquele procedimento, sem dúvida determinado, sob o ponto de vista teórico, pela visão do Estado socialista, ao qual se confere a estranha força de a todas as necessi-

Há 14 dias que os mineiros de São Pedro da Cova, lutam contra a empresa que só lhe dava um salário de, em média, 4\$50, e a fome que já se faz sentir. Esta luta, que é cheia de coragem e de heroísmo, deve ser auxiliada por todo o proletariado!

A FARÇA DOS FASCISTAS

A IDEIA NOVA, o fósforo e a gasolina—A entrevista misteriosa, a defesa da Aliança e o aplauso do Tacão

Tem dois números a Ideia Nova. O primeiro não nos recorda se não vagamente o termos visto em cima duma das bancas da nossa redacção. Mas, a avaliar pelo segundo, que temos desdobrado, deante de nós, o primeiro deve ter sido uma desopilante fábrica de gargalhadas, género revista do ano, sem gramática.

Neste supino, n.º 2, vimos na segunda página uma carta de períodos quiliométricos do sr. Pedro Moreira afirmando que o seu director tem fôro no olho e a seguir topamos na primeira página com um anúncio da Shell. O fósforo ao pé da gasolina! Não nos admira que o director tenha o juízo a arder. E, até parece confirmar-se que o fósforo se tenha acendido, pois o referido jornal traz lá uma em de de estarrecer. Nela se afirmam coisas tremendas e se perguntam coisas igualmente tremendas a que se respondem, na realidade, tremendíssimas. Pergunta-se por exemplo se a organização operária queria rescatar os crimes de 19 de Outubro. E, depois, se, ninguém lhe encomendasse a resposta, afirma-se que, nos revoltamos contra a pena de morte e queremos matar corabardemente. Vale desmentir estas patacoadas loucas e tóricas? Não vale. São efeitos do fósforo e da gasolina.

Mas, em troca, não resistimos à tentação insólita de transcrever este pedacinho de ouro puro que estava na primeira página e em atrevido normando.

«Dr João de Castro»

Conferenciou ontem demoradamente na redacção do jornal Portugal, com o dr. sr. João de Castro, organizador em Portugal da «Acção Nacionalista» — o nosso director sr. Raul de Carvalho.

Parece que ficou entendido um comum acordo para intensificar em todo o país a propaganda do Nacionalismo — Fascista.

Essa conferência prolongou-se até madrugada, nada transpirando do que ali se passou, motivo porque não podemos esclarecer os nossos leitores.

Esta local é a camionete-fantasma que conduz o director para o Arsenal da mais demolidora troca.

Então a entrevista faz-se no jornal e este ainda põe um «parece». Então não tem a certeza do que se passa na próxima casa? E o facto de nada ter transpirado prova que o sr. Raul de Carvalho não sabe o que Raul de Carvalho ouviu, disse e combinou. Naturalmente o sr. João de Castro pediu ao sr. Raul de Carvalho para nada contar ao sr. Raul de Carvalho do que ele disse. E o director da «Ideia Nova» poriu-se como um herói, guardando segredo, nada contando a ele mesmo do que ele próprio sabia.

No mesmo «fascismíssimo» jornal defende-se a Sociedade Industrial Aliança e pede-se à população que coopere com essa entidade moageira. O fascismo da «Ideia Nova» para não sucumbir aproveita para amassar pedilho. Prevê-se que a «Ideia Nova» não morrera, morrera a massa com que se compra o pão que ela ama. Nessa defesa da Aliança diz-se que a questão é «transcendentalíssima». «Transcendentalíssima»! Não conhecemos este sinónimo, nem ele existe, e ignoramos ainda o seu significado.

Será língua fascista? gramática fascista? Nada transpirou da «Ideia Nova» a este respeito. Também pode ser um ensaio de língua bunda.

As felicitações chegam torrencialmente sobre a «Ideia Nova». Uma delas é a do Tacão, o famoso Tacão, o intratável Tacão, o conhecido Tacão que ninguém sabe quem é, fora de Taboão e da bota a que pertence. A não ser que seja um Tacão desgarrado. Mas o êxito da «Ideia Nova» concluiu-se pelo Barboza que a felicitou com um «bravo seu rapaz».

Comunicam-nos que em face do apoio do Barboza e do óleo de ricinos ministrado à gramática a «Ideia Nova» vai passar a chamar-se «Ideia Nova». Achamos boa a «ideia». É natural que ela antecipe o triunfo do sr. João de Castro ou do fascismo-fascista que ele admiravelmente, reúne e sintetiza.

A questão do inquilinato

Vai sair, dentro de breves dias, um decreto

Informam da arcaide:

Ainda ontem não ficou definitivamente resolvida a questão da publicação do decreto que regulamentará várias disposições da lei do inquilinato. O Conselho Central das Juntas de Freguesia compareceu à conferência que lhe fora marcada pelo sr. ministro da Justiça, mas, ao que parece, surgiram quaisquer dúvidas no ponto que se refere à forma de evitar os mandados de despejo. Sobre o mesmo ponto deve o Conselho Central conferenciar hoje com o chefe do governo e em seguida avisar-se há com o sr. Abraheus Ferrão. Nessas conferências será o assunto possivelmente liquidado, indo em seguida o decreto para a folha oficial a fim de ser publicado nos primeiros dias da próxima semana.

Rivalidades coloniais

A França auxiliou os marroquinos contra a Espanha

LAUSANNE, 7.—A Gazeta de Lausanne tem recolhido informações de certos jornais espanhóis relativos ao apoio que os rifenens encontram numa potência europeia. Esse jornal pergunta se haverá alguma coisa de certo nas acusações que se lançam contra a França, que é a potência aliada, e acrescenta: numa conversação com um colaborador do Daily Telegraph, o ministro espanhol dos negócios estrangeiros, referiu-se a esse assunto com uma grande prudência e reserva. Poderia contudo a França provar irrefutavelmente que não socorre os rifenens contra a Espanha? Agora por toda a parte se manifesta o sentimento de solidariedade europeia entre todas as potências coloniais apesar das suas rivalidades. A luta do domínio e de supremacia que havia entre ingleses e franceses acerca da Ásia Menor deu em resultado o tratado de Lausanne que favoreceu grandemente a Turquia. Deste renascimento do poder islâmico surgiram enormes dificuldades que poderiam ter sido evitadas com um pouco de prudência. Lausanne seria que em Marrocos se pudessem os mesmos erros e que se fizesse uma política que poderia dar como resultado perigos gravíssimos.

Imprensa

Recebemos o primeiro número de «Povoa», órgão defensor dos interesses do pessoal dos Caminhos de Ferro do Porto, da Póvoa e Famalicão. Desejamos-lhes prosperidades.

Desastre ferroviário

11 passageiros mortos

BERLIM, 7.—Na quarta-feira de manhã o expresso Berlin-Amsterdão, chocou com o expresso Dresden-Amsterdão próximo de Hanover. Duas carruagens deste último ficaram completamente destruídas. Até agora conhecem-se que há 10 mortos, 15 pessoas feridas gravemente e muitas outras com ferimentos ligeiros.

NA COVILHÃ
Pela indústria têxtil
E' autorizada a entrada aos operários na Casa do Povo — Os conflitos solucionados — Os industriais tinham preparado o «lock-out»

COVILHÃ, 5. — Foi finalmente ontem reaberta a Casa do Povo, que durante 7 dias, à ordem de uma autoridade, se encontrava guardada pela polícia, não permitindo a entrada a ninguém, exceptuando aos membros da direcção da Associação Têxtil.

Um simples capricho levou assim uma autoridade a cometer tal arbitrariedade, privando de funcionar os organismos operários legalmente constituídos que têm a sua sede na Casa do Povo, assim como a direcção do jornal «O Trabalho».

Julgou o administrador do concelho, sr. Vicente Barata (senhor do posso, mando e quero) que, atropelando as leis que ele muito bem defende, adquirira a simpatia da opinião pública. Puro engano.

A opinião pública na Covilhã censura asperamente o seu procedimento indigne, exceptuando os senhores industriais que ele muito defende, porque é essa a sua missão dentro da administração do concelho.

O sr. Vicente Barata não gostará destas frases que o devem ferir bastante, mas o nosso intuito não pode suportar tantas perseguições. Temos que dizer a verdade porque é essa a nossa missão, muito diferente da sua. Somos pela justiça e pela razão e não pelas injustiças que até hoje nestas colunas temos combatido e que o sr. tem feito, abusando do cargo que ocupa, e das leis que o protegem.

Os conflitos a que nos referimos na nossa última correspondência, tiveram solução esta semana nas fábricas Alameda & C.ª, Alberto Alameda e Januário Dias.

As greves dos operários das fábricas dr. António Alameda e Estrela & C.ª, também tiveram solução.

Como os menores operários da fábrica Estrela & C.ª não estivessem de acordo com a solução do conflito, não tomaram o trabalho, declarando-se novamente em luta até quarta-feira.

Quarta-feira corria o boato alarmante de que a patronal tinha declarado o lock-out, começando ao outro dia ao meio dia, caso os menores operários da fábrica Estrela & C.ª, não retomassem o trabalho.

Esse boato confirmamo-lo por termos lido nos conhecimentos das tentativas da patronal. Mesmo os industriais, na véspera, já tinham avisado os operários de que, se os pegadores de fios da fábrica Estrela & C.ª não retomassem o trabalho, ao outro dia às 12 horas, fechavam as oficinas.

Também o administrador mandou chamar à administração todos os membros da direcção do Sindicato Têxtil e vários militantes de organização operária local, querendo aquele sr. que a direcção obrigasse a trabalhar os operários previstos, se não ao outro dia, a paralisação das fábricas de lanifícios seria completa.

Devemos declarar que aquela hora já o conflito tinha sido solucionado. Querem factos mais verídicos do que estes da autoridade administrativa andar a soldo da patronal?

Sim, a patronal demonstra-se forte porque tem confiança nos seus subordinados.

Se o lock-out fosse posto em prática, a autoridade administrativa, depois de os operários serem expulsos das oficinas ainda lhes distribuiria peixe escudo.

Só uma esperança que temos pode pôr termo a tanta força.

Essa esperança está nas mãos de todos os operários, organizando-se fortemente dentro dos seus organismos sindicais, e empregando todas as armas contra os bandos.

Operários! Energia, pois, contra a patronal que nos pretende esmagar com a colaboração das autoridades.

NOTA — Na nossa última correspondência, no período onde se lê «operários de ultimização Gomes & Tael», deve ler-se operários de ultimização Gomes & Tael, querendo os patrões considerá-los de segunda categoria.

SECCÃO TELEGRAFICA

Federações
CONSTRUÇÃO CIVIL
Associação de Oitão. — Estamos de acordo com o pedido. Mandem requisição da quantidade de bonus que precisam.

METALÚRGICA
Comité de Propaganda do Norte. — Pedimos que com urgência enviem documentos pedidos e resposta aos últimos officios enviados.

Sindicato de Viana do Castelo. — Enviem credencial e resposta à circular de 26 de julho.

Sindicatos do Porto, Gaia, Braga, Rio Mião, Covilhã, V. Real de Santo António e Beja. — Enviem com urgência resposta à circular de 26 de julho.

A abundância...
Uma chuva de moedas de bronze e alumínio
A Casa da Moeda está procedendo à emissão de 60 milhões de moedas de bronze e alumínio de 50 centavos e um escudo. Essas moedas vão entrar em circulação dentro de seis meses.

Partindo do princípio que aquela quantidade seja dividida igualmente em moedas de 50 centavos e um escudo, são 45000 contos que vão entrar em circulação.

Resta saber se a essas moedas dada a rapidez com que a desvalorização monetária se opera, não acontecerá o mesmo com as moedas anteriores que desaparecerão definitivamente do mercado.

Teatro São Luís
HOJE -- HOJE
1.ª representação nesta época da célebre mágica

O Gato Preto
Propaganda sindical

EM PEDREIRA

TOMAR, 6. — No passado dia 26 de Agosto realizou-se no lugar da Pedreira, concelho de Tamar, uma sessão de propaganda sindical e revolucionária, a primeira duma série que a Associação de Classe dos Fabricantes de Papel tem a intenção de levar à prática, para desenvolvimento intelectual e associativo de todos os trabalhadores do concelho.

Pelas 15 horas, chegaram os delegados vindos de Lisboa, dando-se logo o começo à sessão, que foi presidida por António Monteiro, delegado da Federação do Livro e do Jornal, secretário do por Mário da Costa Gonçalves e Carlos Bernardo, operários fabricantes de papel.

Expostos pelo presidente os fins e o significado das reuniões desta natureza, é dada a palavra a António Ferreira, também delegado da Federação, que apresenta a todos os presentes as fraternas saudações dos trabalhadores gráficos, patentando o seu regozijo por se encontrar entre irmãos de trabalho que, embora longe dos grandes centros, procuram trilhar o caminho da emancipação, reagindo e lutando por se instruir e adquirir os conhecimentos necessários das grandes questões que veem interessando o proletariado de todo o mundo.

Aponta seguidamente o exemplo de grandes mestres da ciência que abraçaram os ideais porque lutam hoje os trabalhadores e cujas transcrições mais sinceras e plenas de afirmações revolucionárias lhe, como demonstração do sentimento ideológico que animou esses homens e cujo papel está cabendo hoje aos trabalhadores.

Terminou, apelando para que todos se unam à volta da sua Associação e a fortifiquem, pois assim caminharão mais rápido para a emancipação.

Segue-se no uso da palavra Francisco Duarte, dizendo que, apesar de simples visitante do concelho, conquanto papelero também, sente na alma o mesmo desejo de lutar que, por certo, deve animar os camaradas presentes, pois que, se a burguesia continua atacando-nos, todos temos o dever de lhe dar combate até final, associando-nos e fazendo da Associação um baluarte inextinguível para as batalhas a travar no futuro.

Falam ainda Bruno Sérgio, José Quico e outros, que produzem belas afirmações de fé e consciência que calam fundo no espírito da assistência, que largamente aplaudiu todos os oradores.

Por último, a encerrar os trabalhos, o presidente sintetiza uma imagem simbólica de união e alonga-se em considerações de carácter doutrinar, descrevendo o movimento sindical nos países e a grandeza de vários movimentos revolucionários produzidos pelo proletariado, como a tomada das fábricas em Itália, as revoluções russa e húngara e ainda as duras lutas sindicais de todos os países.

Demonstrou o valor do Sindicato como órgão de luta contra o patronato e a burguesia, na sociedade presente, e ainda como organismo de direcção técnica na futura. Analisa as possibilidades do desencadear duma grande revolução no ocidente e a nossa situação como organizados revolucionariamente, exortando os presentes a cerrar fileiras para o último combate aos carcomidos sustentáculos dos exploradores dos povos.

Terminando, afirma a solidariedade dos trabalhadores dos grandes centros industriais pelos das províncias e em troca exige destes uma maior actividade aos trabalhos da organização sindical.

Mário Gonçalves, em nome da direcção, agradece a presença dos delegados, já pela animação produzida no meio operário local, já pelos ensinamentos que os mesmos trouxeram e apresenta a aprovação da assembleia uma saudação à «Batalha» e a todos os presos por questões sociais, que foi aprovada entusiasticamente, terminando assim esta bela jornada de propaganda.

Na Moita
Projecta-se para amanhã uma fantochada religiosa

Pretendem os elementos reacçãoários da Moita realizar amanhã à chamada procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem.

As comissões municipal e política do Partido Republicano Radical, no concelho, reconhecendo que a maior parte das que exigem a exibição dessa fantochada a faz por pedantismo e não por crendice, porque a não possui, resolveram solidarizar-se com o protesto formulado pela junta da freguesia e aprovaram uma moção com as seguintes conclusões:

«Convidar o administrador do Concelho a dar cumprimento aos artigos 55.º, 56.º, 57.º e 58.º da Lei de Separação do Estado das Igrejas de 20 de Abril de 1911; Oficiar ao governador civil do distrito de Lisboa solicitando-lhe que tome em consideração este protesto, não permitindo a realização deste acto de culto externo; Dar conhecimento desta deliberação à Associação do Registo Civil e ao Directorio, pedindo-lhe se interesse pelo assunto junto das autoridades competentes, dando assim uma satisfação à opinião liberal e livre pensadora do concelho da Moita».

Não nos parece que as resoluções dos reacçãoários da Moita deem resultado, porque isto de democracia republicana, de há muito que se confundiu com reacçãoarismo monárquico.

Teatro Nacional
HOJE E TODOS
AS NOITES A CELEBRE COMEDIA-FARÇA

O CABEÇA DE TURCO
Teatro Nacional

Universidades, Academias e Escolas

Escola e Biblioteca de Estudos Sociais da Giestra. — Reuniram as comissões de Propaganda e Administração para apreciar a organização da Federação das Escolas Livres, cuja comissão já foi constituída há bastante tempo sem que coisa alguma tenha resolvido.

O delegado desta Escola, a mesma comissão elucidou o que havia, sendo resolvido oficial-se à comissão para que dê uma resposta até ao dia 30 do corrente, e se não seguir com os trabalhos pró-organização da Federação das Escolas Livres, esta Escola tomará a liberdade de continuar com os trabalhos, sendo já nomeada uma comissão para esse efeito.

Mais se resolveu protestar entusiasticamente contra o regedor de Fânzeres e todos os sicários que foram os autores da morte dum camarada mineiro de S. Pedro da Cova, que se encontrava em luta pelo cumprimento do seu dever, como operário consciencioso, suspendendo-se a sessão cinco minutos em sinal de sentimento.

Acaba de se enviar um officio, dando-lhe conhecimento destes protestos, à Direcção da Associação dos Mineiros de S. Pedro da Cova.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

Fogo posto?
Fôram presos Adelino Correia da Silva, pedreiro, Iba do Grilo, quinta do Daniel Ferreira, e João Marcelino de Mendonça, servicial, bico do Toucheiros, pádio do José Padeiro, 11, que são acusados de serem os autores do fogo posto no barracão de João Faustino da Cunha, vila Dias, 87, e num tapume de madeira pertencente a Daniel Ferreira, da mesma quinta, causando prejuizos avaliados em 3.000 escudos, tendo morrido queimados 4 suínos e outra criação.

Remoção do lixo
Uma reclamação
A Associação de Classe dos Empregados Menores do Comércio e Indústria officiou à comissão executiva da Câmara Municipal no sentido de ser alterado o horário da remoção do lixo, que muito está prejudicando a classe no horário de trabalho.

Esta classe é uma das mais escravizadas, pois que uma grande maioria de comerciantes não reconheceu aos empregados menores o direito das 8 horas, obrigando-os a trabalhar 12 e mais horas, sucedendo, agora, com a modificação do horário da remoção do lixo, ser aumentado o tempo de trabalho.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

BRONZE MARIO NOBREGA
Para se occuparem de diversos assuntos respeitantes ao torneio de futebol que disputará este bronze, devem reunir depois de amanhã, pelas 21,30 horas, na sede do Sporting Club Barroca, rua da Emenda, 30, os delegados dos clubes inscritos.

Liga de Futebol Operária
A direcção desta Liga convida todos os delegados dos clubes filiados a comparecerem na próxima segunda-feira, 10 do corrente, pelas 20 horas, no largo do Rio Sêco, 8, para continuação dos trabalhos da assembleia geral, iniciados em 4 do corrente.

SOCIEDADES DE RECREIO
Sport Bom Sucesso. — A comissão de festas deliberou agradecer o auxilio prestado pela Companhia Industrial Portugal e Colónias na cedência da sua propriedade para a realização das festas; ao director da Casa Pia, pela cedência de material para ornamentação, e outras entidades.

Também resolveu agradecer à Batalha a publicação de notícias.

AMANHÃ
GRANDIOSA EXCURSÃO EM CAMIONS
a Sintra, Colares e Praia das Maças
promovida pelo Sindicato Unico Metalúrgico
PREÇO DOS BILHETES 12\$50

Partidas: da Rotunda, às 6,30 horas; da Praia, às 12, e de Sintra, às 18 horas

A BATALHA

Dois lindos espectáculos
ESTA NOITE NO
Teatro Maria Vitória
COM A REVISTA
FADO CORRIDO
Classes que reclamam

Ferrovários da C. P.
Uma reunião em Alfaiates

Com bastante assistência, reuniram os ferroviários da área de Alfaiates, na sede da respectiva delegação, sendo a sessão presidida por António Constandio, que foi secretariado por António Carvalho e António Sequeira.

Mário Castelhana abriu a sessão, começando por lamentar que a classe em vez de acudir ao chamamento da delegação para esta reunião, onde se vão tratar assuntos de carácter moral e material, não compareça em grande número, dada a quantidade de pessoal desta área. O mesmo delegado, sendo necessário nomear a comissão executiva para esta delegação, propõe a lista seguinte: que a assembleia aprovou por unanimidade.

Secretário Administrativo, António Constandio; Tesoureiro, Edmundo Fontes; Secretário Adjunto, David Marques; vogais, Francisco Bangala e Belarmino Pinhão.

António Constandio, que fala a seguir, tem palavras amargas e de censura para o pessoal da área, que não sabe compreender as necessidades de todos os ferroviários. Pede, a todos os presentes, aos ferroviários de Alfaiates e arredores, que se unam fortemente, pois só assim se poderão reivindicar as regalias que tam negadas pela C. P. tem sido.

Condene aqueles que fogem ao seu dever e se albergam nas tabernas imundas onde se prevendem, sacrificando as companheiras e os filhos queridos, reduzindo-a à miséria.

Mário Castelhana, falando novamente, tem palavras violentas para a C. P., que, rotundamente desdramatizando o seu pessoal, o obriga a viver miseravelmente, sacrificando-o ao seu requinte malvadado e ladravaz.

Mostra, para exemplo da defesa dos interesses dos ferroviários, a extraordinária manifestação de cinco mil homens que em Lisboa se opozeram, cheios de justiça, à sistemática recusa da C. P., conseguindo assim levar a companhia a tratar em definitivo das suas reclamações.

Este camarada tem também palavras vigorosas e energias, combatendo o «amolecimento» da classe que é preciso terminar.

Fala depois Santos Arranha, secretário geral da C. O. T., que faz uma preleção interessante a todos os ferroviários presentes, demonstrando-lhes qual o seu verdadeiro lugar na sociedade presente, pois que tudo produzem não gosando absolutamente nada. Tem palavras de carinho para a organização operária que a tudo se sacrifica, morrendo de fome os produtores para que dos burgueses nada falte. Condene asperamente este proceder, pois que, continuando assim, jamais poderemos reivindicar aquilo a que temos direito.

Adolfo Freitas, correspondente de A Batalha, diz esperar que desta reunião e de outras que em breve se sucederão, todos proclamem bem alto a união dos ferroviários, pois só assim a classe se poderá impor, reclamando aquilo que lhe pertence.

Sauda a classe fazendo votos para que todos se unam fortemente contra o inimigo comum.

Silvestre Ferreira, de Pombal, protesta contra as violências que as autoridades praticaram em Lisboa, fazendo evacuar as salas do Sindicato, não consentindo que os ferroviários se reunissem na sua casa.

Santos Arranha, fala em nome da C. O. T., agradecendo a todos os ferroviários a sua presença, fazendo votos pela sua união.

Fala ainda António Sequeira, de Coimbra, condenando asperamente as manifestações da força do Estado, contra a manifestação dos ferroviários.

Antes de terminar a sessão, Mário Castelhana, apela para que todos propaguem A Batalha, no sentido de que o jornal dos trabalhadores seja lido por todos, pois só assim se será o grande propagador das reivindicações operárias. Portanto, diz, é preciso que todos levem A Batalha a todos os cantos, auxiliando-a na sua existência.

Entusiásticos vivas são levantados ao Sindicato Ferroviário, C. O. T., A Batalha, etc.

Foi aprovado por unanimidade o seguinte documento:

«Os ferroviários da delegação de Alfaiates, reunidos na sua sede para reforçar o gesto dos seus camaradas de Lisboa na sua demonstração ao Conselho de Administração da C. P., saúdam todas as vítimas do capital, e propõem a comissão de melhoramentos, na sua reclamação de ordem moral, para não abdicar da readmissão das camaradas demitidas por questões sociais».

Ao Conselho de Administração foi enviado o seguinte telegrama:

«Ferroviários da delegação de Alfaiates, reunidos na respectiva sede, protestam energicamente pela demora na concessão das reclamações entregues e dão absoluto apoio à comissão de melhoramentos, colaborando com o Sindicato em todos os assuntos que dizem respeito à classe, aceitando as suas resoluções».

A Velhice do Padre Eterno
Acaba de aparecer uma nova edição popular ao preço de 7500 encadernado em 4900 brochado, pelo correio registado mais \$60.

Pedidos à administração de A Batalha.

VIDA SINDICAL
C. G. T.
Comité Confederal
Para assuntos de grande importância e urgência, deve reunir, hoje, às 20 horas.

COMUNICAÇÕES
Sindicato Unico da Construção Civil. — Conselho de Secções. — Reuniu este Conselho que, depois de se ter occupado de vários assuntos de interesse para a organização, tratou também detalhadamente da crise de trabalho que se vem manifestando e da situação económica dos operários do Estado, para os quais já reclamamos das entidades competentes que lhes fossem aumentados os seus salarios.

Secção profissional dos estudantes. — Reuniu ontem a comissão administrativa que apreciou entre outros assuntos, uma comunicação de Eduardo d'Oliveira, secretário geral do Sindicato Unico, o qual se encontra no hospital de Arroios, enfermaria 2, cama 8, sendo resolvido convidar os camaradas a visitá-lo amanhã.

Empregados Menores do Comércio e Indústria. — Reuniu a direcção que se occupou largamente de assuntos administrativos, sendo prestadas contas pelo cobrador. Tomou conhecimento dum officio da Associação Comercial dos Lojistas sobre horário de trabalho e salario. Occupou-se também de assuntos de instrução.

Resoluiu officiar à Câmara Municipal protestando contra o horário da remoção do lixo, que muito prejudica a classe.

Calceteiros. — Reuniu anteontem a classe, occupando-se, entre outros assuntos, do pedido de demissão apresentado pela Comissão Técnica.

S. U. Mobiliário. — Para continuação de trabalhos, reuniu ontem a assembleia geral. Foi lido um officio do sindicato n.º 1243 sobre o último movimento do pão, resolvendo-se convocar para breve uma assembleia especial para apreciar o dito movimento e na qual deverá comparecer o autor do officio.

Apreciado um officio de dois operários em que affirmam não fazerem horas suplementares, resolvem-se convidá-los a comparecer no sindicato a fim de se esclarecer o assunto.

Proseguindo-se na discussão do officio de Julho de Almeida, foi nomeada uma comissão para dar sobre o assunto o seu parecer que será apresentado à assembleia a realizar na próxima terça-feira. Apreciou-se ainda um officio da F. L. M. sobre a organização do 2.º Congresso, ficando a sessão suspensa em virtude do adiantado da hora.

CONVOCAÇÕES
Federação Metalúrgica. — Para continuação dos trabalhos pendentes na última reunião e assentar em definitivo nos trabalhos a apresentar ao próximo Congresso de Indústria reúne na próxima segunda-feira, a comissão organizadora.

Federação Corticeira Nacional. — Reuniu amanhã, domingo, pelas 11 horas, o Conselho Federal.

Manufactureiros de Calçado. — Reuniu hoje, pelas 21 horas, a comissão promotora das festas do 14.º aniversário do sindicato.

Maquinistas fluviais. — Reuniu hoje a secção de rebocadores, pelas 20 horas, a fim de tratar de aumento de salario.

Agremiações varias
Os 21 Manufactureiros de Calçado. — Continuando doentes dois dos seus componentes, reúne hoje, pelas 21 horas, este grupo de solidariedade.

Fazendas para homem e senhora
Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

CAMARA MUNICIPAL
O pavimento das ruas
Na sessão extraordinária de ontem foi largamente apreciado o procedimento da Companhia Reunida de Gás e Electricidade, na questão da iluminação e dos pavimentos das ruas. Usaram da palavra os srs. Raúl Caldeira e Beirão da Veiga.

Empréstimo para melhoramentos nos cemitérios
São aprovadas as condições para a Câmara contrair com a Caixa Geral dos Depósitos um empréstimo de 1340 contos destinado exclusivamente a melhoramentos nos cemitérios.

Mercados municipais
Continua a discussão suspensa nas sessões anteriores sobre a proposta do sr. Fernão Pires acerca de mercados. Foram aprovadas as conclusões que faltava votar.

E' também aprovada uma proposta do mesmo vereador, para de harmonia com a Associação dos Horticultores e Agrimensores se agregar a 4.ª repartição da Câmara de estudo e elaboração de um projecto e respectivo orçamento para a construção do mercado de ferro no local indicado pela mesma Associação, unicamente destinado à venda de artigos agrícolas e hortícolas.

Ainda sr. Fernão Pires apresenta uma proposta para se aceitar em principio o requerimento do sr. Augusto Ciseiro Franco para a concessão por 30 annos, de um terreno agrícola e hortícola nas instalações da Metello, Portugal, à rua Morais Soares, devendo submeter à aprovação da Comissão Executiva os projectos das modificações a fazer. As percentagens a cobrar pela câmara serão de 5% sobre a receita bruta anual até 250 contos; 10% pela referida receita até 500 contos; 15% até 750 contos e 20% quando aquela receita seja superior a 750 contos.

Terminou a 1 hora.

AS GREVES
Corticeiros da fábrica de Cabeçadas & C.ª Limitada

A comissão nomeada na pretérita quarta-feira pela assembleia dos corticeiros de Belem procurou o sr. Cabeçadas para negociar a solução do conflito na sua fábrica, mas foi recebida com pouca correcção por este industrial que declarou que a sua attitude era a consequência do facto de os seus operários nunca estarem contentes, esquecendo-se de que eles não podem mostrar satisfação quando se pretende dar-lhes um salario inferior ao das outras casas da especialidade.

O moral do pessoal, que deve reunir na próxima segunda-feira, às 19 horas, é excelente, pois se mostra disposto a não retomar o trabalho enquanto não for atendido nas suas reclamações.

O Sindicato convida os grevistas desta casa a inscreverem-se na sede, a fim de na próxima semana receberem os donativos recebidos.

QUEM QUER
vestir bem e barato confronta os preços do
Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de de lá para fatos e vestidos.

Lás em fio para malhas.

Tem alfaiate
Rossio, 93, 2.º andar
Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

VIDA POLITICA
Comuna do Monte Pedral. — Nomeou seu secretário Artur dos Anjos Pinto, a quem deve ser dirigida toda a correspondência para a rua da Bela Vista, à Graça, 54, 1.º. Nomeou delegados do congresso partidário José de Jesus Gabriel, Joaquim Francisco, José Gomes da Costa, Júlio Ferreira de Matos, António Teixeira Danton, José de Almeida, João dos Santos, Raúl Lavado, Joaquim José Godinho, Augusto Nunes Quintas, Cactano Rodrigues Junior, Júlio Caixinhas, António Caixinhas e Artur dos Anjos Pinto.

Peniche. — C. Leitão. — Recebemos lição de Agosto, 31880.

Ponte de Sor. — N. S. Sardinha. — Recebemos 36568 de Maio a Junho.

Evora. — J. Nunes Santos. — Recebemos carta e val. Vai seguir a vossa encomenda.

Um caso de intoxicação
obriga uma mulher e três crianças a recolherem ao hospital D. Estefânia

Num automóvel da Cruz Vermelha foram ontem conduzidos ao hospital de S. José, Rosa Libânia, de 40 annos, vendedora ambulante, natural de Figueira da Foz, seus filhos José dos Santos, de 1 anno, e Ermelinda da Liberdade, de 7 annos, e João Baptista Moreira, de 8 annos, filho de Ana de Jesus, dona da casa onde os primeiros se encontravam hospedados, na rua dos Sete Moínhos, 88, loja, os quais depois de ingerirem uma porção de sopa preparada com miudezas de galinha que a Libânia comprara a uma mulher, no mercado agrícola da Praça da Figueira, se sentiram bastante aflitos. Depois de feitas as respectivas lavagens do estômago, receberam os seus primeiros doentes a enfermaria de Santa Catarina do hospital Estefânia e os dois restantes à enfermaria provisória do mesmo hospital.

TEATRO APOLO
Ultimas representações
DO LINDO DRAMA
As Pupilas do Sr. Reitor
Ultimas notícias

O abalo sísmico no Japão
Os socorros aos sobreviventes

LONDRES, 7. — São ainda muito escassas as notícias do Japão e limitam-se a listas de nomes das vítimas estrangeiras no desastre. O governador da prefeitura de Osaka telegraphou à embaixada japonesa em Londres que apesar dalgum prejuizo as repartições em Tokio estão trabalhando. Apesar da magnitude do desastre, conserva-se a ordem e um espirito calmo predomina em todo o Japão.

O Secretariado de Estado para as colónias recebeu um telegrama do governador de Hong-Kong declarando que o conselho legislativo votou ontem 250.000 dólares para socorrer o Japão.

A Câmara de Comércio abriu uma subscrição e está tratando de enviar socorros médicos. Foram hoje encaminhadas 500 toneladas de arroz e 80.000 libras de outros géneros alimentícios, bem como grande fornecimento de artigos médicos, para o Japão.

O conflito italo-grego
Mussolini nega novamente a competência à Sociedade da Liga das Nações

LONDRES, 7. — A Liga das Nações, reunida ontem, resolveu entregar a Conferência dos Embaixadores a resolução do conflito italo-grego, no que quer diz respeito à questão das reparações pedidas por Mussolini. O conselho da Liga pensou, contudo, que era necessário recomendar que o acordo entre a Itália e a Grécia fosse conseguido por um compromisso entre as exigências da Itália e as pedidas da Grécia. Salandra, representante da Itália, recusou-se a votar esta proposta e lembrou ao conselho que a Itália entende que a Liga não é competente para resolver este assunto. No entanto a Liga resolveu também occupar-se da questão de Corfu numa data posterior.

A entrada de emigrantes nos Estados Unidos
NEW-YORK, 7. — Mais de 1800 emigrantes que chegaram a esta cidade no último dia do mês de Agosto e que estavam terminada a cota deste mês deviam ser recusados, podendo entrar nos Estados Unidos descontados no número de emigrantes que serão recebidos no mês corrente.

Anunciando a decisão acerca do apêlo feito pelos emigrantes, o secretário do trabalho, declarou que os capitães dos navios que atravessaram a linha da quarentena antes da noite de 31 de Agosto, devem ser punidos segundo a lei com multas na importância de 120.000 libras. Os navios multados são o «Sibola», «Byron», «Braga» e «Esperanza». As multas são de 40 libras por emigrante.

A produção cerealífera na Rússia
BERLIM, 7. — A repartição central de estatística calcula em 3 bilhões de «puds» a colheita de cereais, devendo portanto haver grande exportação, nomeadamente da Ucrânia.

Pré-pressos por questões sociais
Comissão Central

Importâncias recebidas desde 1 de Junho de p.º:
Trabalhadores rurais de Aldegalde, 71335; Associação dos Canteiros e Pedreiros de Viana do Castelo, 25500; quete aberta entre um grupo de camaradas (entregue por Inácio Marques), 7850; quete aberta pelo grupo dos 31, 6800; quete aberta em 10 de Julho na Delegação de Lisboa do Sindicato do Sul e Sueste, 26350; quete enviada à C. G. T., 29050; sindicato 844 da Secção Norte (a bordo do vapor «Bage»), 5500; Saravia de Aguiar, 3550; percentagem da cobrança feita na sede da S. P. dos Carpinheiros do S. U. C. C., 3510; percentagem de vários activos que realizaram no passio, promovido pela Federação da Construção Civil a Cascais, 15115; quete tirada na fabrica Elise, 23930; Accio Pinto, 5830; quete aberta no passeio a Cascais, 65330; quete aberta em Alcântara, 20300; quete aberta numa obra da rua da Esperança do Cardal, 27800; quetes tiradas pelo S. U. da Construção Civil, 122315; Francisco Angelino, 2550; quete aberta entre 6 camaradas no funeral de Francisco Cristo, 3500; quete abria pelo Sindicato da Construção Civil de Matosinhos, 158350; quete tirada na obra da rua Carlos Mascarenhas, V. M. C., 20800; Manuel Inácio Pedreiro, 2550; uma camarada espanhol da Revisão Circulante da C. P., 550; quete aberta pelos corticeiros da casa Augusto Casa do Monte, de Belem, 14300; quete tirada na sessão da U. S. O. de 23 de Agosto (quando da proclamação da greve geral), 106300; quetes tiradas pelo S. U. da Construção Civil, 254310.

Para apreciar o seu estado financeiro e resolver sobre um officio enviado do Linoeiro, reúne hoje, pelas 21 horas, esta comissão.

PELO ROBUSTECIMENTO DA ORGANIZAÇÃO

O 8.º CONGRESSO DOS EMPREGADOS NO COMÉRCIO

TEATROS E CINEMAS LISBOA NA RUA

A supressão do Cofre de Resistência -- Um protesto contra os senhores -- Reclama-se a liberdade dos presos

PORTO, 6. — Pelas 22 horas, e reaberta a sessão é lida a seguinte resolução: Os operários cortadores de carnes, de Lisboa; empregados da escritório, de Lisboa; associação de empregados no comércio, da capital; de seccção, robustecimento da classe para melhor acompanhar a acção federal e confederal; Casa dependentes de Comércio, de Vigo; notificando também que devido a motivos imprevistos não pôde seguir o seu delegado directo; de Luís Miguel; os presos sindicais; da Associação de Braga protestando contra a atitude do Congresso em não aceitar, o seu delegado.

Continuando a discussão do capítulo VI pronunciaram-se vários congressistas acerca do procedimento incorrecto da ditto associação de Braga, Rui Fofora do submete à sanção do Congresso o seguinte documento:

«O Congresso, concordando plenamente com a acção desenvolvida pela Junta Norte, embora de principio fosse prejudicada por questões secundárias e que directamente não interessam a organização do caixeiro nacional, resolve:

1.º Saludar os actuais componentes da Junta pelos trabalhos levados a cabo para valorização da classe à quem Mondegio;

2.º Igualmente saudar todos os actuais e antigos militantes que, pela sua cooperação, ajudaram a Junta a conjurar uma possível scisão do caixeiro;

3.º Convidar o sindicato de Braga a modificar a sua atitude de franca rebelião, vindo acolher-se ao pendão federal;

4.º Convidar as associações da zona Norte a satisfazer, no mais curto prazo os seus debs à Junta, a fim de não tolher a missão deste corpo federal.

Esta moção é aprovada por aclamação e entre vivas à Federação e morras aos traidores.

Segue-se o relatório da Junta Executiva da Zona Sul, cuja leitura é dispensada. Deste documento apenas é discutida a parte referente à contribuição industrial, sendo depois lida a assembléa de que este magno assunto está dependente duma comissão especial encarregada de o tratar convenientemente junto das competentes entidades. E, em vista disto, aprovado o relatório e exarado um voto de congratulação à Zona Sul e em especial ao camarada Fausto Gonçalves, pelas suas qualidades de trabalho e inteligência.

E' aprovada a supressão do Cofre de Resistência

Por proposta de Eduardo Relvas é lida nesta sessão a leitura, discussão e votação do relatório do Cofre de Resistência dos Caixeiros Portugueses (Zona Sul), cujas conclusões são as seguintes, e que o seu autor largamente justifica:

1.º Que se dê por terminada a missão deste Cofre, por se provar a sua ineficácia e atendendo a que o Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade abrange de uma forma geral todos os trabalhadores federados.

2.º Que sejam tornadas sem efeito as dividas a este organismo.

3.º Que o saldo existente, uma vez deduzidas as despesas com a nossa delegação, reverta, bem assim as acções do jornal *Era Nova*, a favor do Sanatório.

4.º Que seja aprovado um voto de louvor à Comissão pró-Sanatório, pelo trabalho que teve em prolle tão simpático empreendimento.

5.º Que igual gratidão seja manifestada a todos os sindicatos que souberam cumprir o seu dever para com este Cofre, especialmente Santarém e Vila Real de Santo António, únicos que conseguiram pelo esforço dos seus militantes respeitar as decisões do Congresso de Viseu.

6.º Que seja nomeada uma comissão revisora de contas, conforme o desejo manifestado nas considerações do capítulo «Situação financeira», dando a mesma conta dos seus trabalhos ao presente Congresso.

Estas conclusões, excepto a última, são aprovadas conjuntamente com um voto de louvor aos membros que administravam o Cofre, especialmente Eduardo Relvas, pelo trabalho e pela inteligência que dispuseram em benefício da manutenção daquela instituição de solidariedade.

Raúl Adolfo Correia, do Ateneu de Coimbra, apresenta uma proposta, que conclui:

1.º Que os delegados presentes procurem junto dos seus sindicatos promover que um dia de trabalho se destine ao Sanatório.

2.º Que todos nós, sindicatos, concorramos com o que ganharmos num dia para o mesmo fim.

3.º Que sendo aprovada esta proposta, todos os congressistas, consideremos tomado o compromisso de se realizarem nas localidades dos nossos sindicatos o esforço total da classe no grande dia para o Sanatório.

4.º Que os delegados indirectos comuniquem aos sindicatos que representam o compromisso tomado sobre este assunto.

5.º Que as importâncias consignadas fiquem sob a responsabilidade das direcções dos sindicatos até que se entenda ser preciso para essa grande obra.

6.º Que depois de realizado o dia de trabalho, seja pelas direcções comunicadas à Federação (Zonas Norte e Sul) qual o resultado obtido.

Esta proposta baixou ao estudo da comissão de pareceres.

José Caetano Fragoso, tendo conhecimento de se encontra na mesa da imprensa um indivíduo de nome Juliano Ribeiro, (que usou o pseudónimo de Luciano do Rio), tirando a reportagem para o *Jornal de Notícias*, apresenta uma proposta para que o Congresso lavre o seu protesto e resolva nomear uma comissão a fim de ir àquele jornal patenter o seu desgosto e pedir a substituição da referida pessoa, em consequência de ter traído a classe, fazendo propaganda defecista contra a sua organização federal.

Eduardo Relvas manifesta-se em contrário, pois ali não vê o Luciano do Rio de que se fala, mas sim o trabalhador da imprensa no desempenho da sua missão. Por isso requer que seja rejeitado o documento, em homenagem aos trabalhadores da imprensa.

Isto dá lugar a fortes diálogos e ao Congresso dividir-se, uma parte dando palmas, enquanto a outra desata em forte pateada.

Serenado o tumulto, Eduardo Relvas, por dever de lealdade, declara ser informado agora de que o indivíduo em questão está apenas em substituição de um trabalhador da imprensa, auxiliando-o. Nesta conformidade retira o seu requerimento. Estabelece-se nova confusão, encerrando-se a sessão sem sabermos ao certo se o protesto foi aprovado ou não.

Preside à sessão da tarde de segunda-feira, Luis António de Carvalho, que teve a secretária Consiglieri da Costa e Vieira Alves.

Antes de principiar os trabalhos, o presidente faz salientar a necessidade que há de todos se comportarem com serenidade, evitando, para prestígio do Congresso e da organização, que se repitam factos lamentáveis como os passados na sessão da noite anterior. Na suposição de que serão tomadas no devido respeito as suas considerações, manda ler o expediente.

Telegramas da direcção da Associação de Silves, saudando o Congresso; de João Dias, de Guimarães, protestando contra a adesão a qualquer das internacionais; de Santos Gama, de Coimbra, augurando o levantamento moral e a unidade de classe; e de Francisco Correia, dejeando a aprovação das teses Salário Mínimo, Horário do Trabalho, Descanso Dominal e Caixa de Auxílio, e pronunciando-se contra a autocracia vermelha.

Eduardo Relvas e José Fragoso protestam contra a pouca energia e orientação dos trabalhos por parte da mesa, e bem assim pelo despreendimento, quasi abandono, que muitos congressistas tem evidenciado, não accorrendo às horas determinadas para o início das sessões.

Um telegrama ao chefe de Estado sobre os presos por questões sociais

Manuel Rodrigues, referentemente à atitude de alguns delegados, apresenta a seguinte moção:

«Reconhecendo que há uma necessidade imperiosa dos trabalhos do Congresso se elevarem para o bom nome e prestígio da classe que representamos e reconhecendo também que é da máxima utilidade respeitar e manter integros os princípios básicos da organização do caixeiro português, o Congresso re-

solve: que os seus trabalhos sigam com ponderação e consciência e na máxima ordem e disciplina.»

Em consequência de alguns delegados terem neste documento uma espécie de censura ao Congresso, o próprio autor retira-a.

Costa Azevedo propõe, e é aprovado por aclamação, que se enviem os três telegramas que se seguem:

«Ao ministro da justiça: «Empregados do Comércio Portugueses reunidos no seu oitavo congresso na cidade do Porto instam com v. ex.ª para que faça imediatamente publicar um decreto que ponha os inquilinos ao abrigo da ferocidade dos senhores com constantes mandados de despejo.»

«Ao *Jornal de Notícias*: «Oitavo Congresso Empregados do Comércio: Sauda elusivamente presos questões sociais, afirmando inteira solidariedade todos os camaradas perseguidos.»

«Ao presidente da República: «Empregados do Comércio Portugueses, reunidos no seu oitavo Congresso, protestam veemente contra perseguições de toda a ordem praticadas nas pessoas dos militantes da classe operária que já mais cometeram outro crime que não fosse protestar contra as prepotências dos tiranos, doutrina tantas vezes por v. ex.ª na propaganda republicana de que foi fervoroso adepto.»

O mesmo congressista propõe ainda que se exare na acta um voto de sentimento pela morte do cidadão Raúl Dóla, fundador da escola onde funcionou o Congresso, nomeando-se uma comissão para comunicar à direcção da dita escola o resolvido pelo Congresso e ao mesmo tempo agradecer-lhe a cedência da sala.

A comissão de pareceres apresenta a sua opinião sobre a moção-proposta de Raúl Adolfo Correia, concordando com a doutrina nela expressa, à excepção da contida na conclusão 5.ª, que deve ser modificada no sentido de que as importâncias recebidas sejam imediatamente entregues à respectiva comissão pró-sanatório, e não ficar na posse das direcções dos sindicatos. Se a aludida comissão eleita para os trabalhos do sanatório merece toda a confiança da classe para aquela missão, também deve merecer a mesma confiança para ser fiel depositária do produto colhido com o dia de trabalho de cada sindicato para a simpática instituição de saúde.

Quanto à conclusão 2.ª, a comissão de pareceres entende que todos os empregados no comércio devem, sim, contribuir com um dia de trabalho para a edificação do Sanatório, mas em conformidade com o que resolverem os sindicatos, visto que qualquer pode contribuir com um dia ou mais e durante o espaço de tempo que o distância da referida edificação do Sanatório.

A tese «Nova Estrutura da Organização» não é discutida por decisão do Congresso

Sobre a credencial apresentada à mesa acreditando Manuel Inácio Luis como representante do jornal corporativo *Solidariedade*, a comissão de pareceres aprova-a, dadas as explicações de Rui Fofora e julgando ser o sentir de toda a classe.

José Fragoso apresenta, em questão prévia, o alvitre de que se telegrafe ao administrador do concelho de Coruche, protestando contra a transgressão ali do horário de trabalho, onde os caixeiros entram para os estabelecimentos às 6 horas e saem às 22 e às 24 horas.

José Córvo, também em questão prévia, propõe para que não seja discutida a tese sobre a *Nova estrutura da Organização*, pôsto uma parte ser inexistente e outra não actualizada.

Rui Fofora requer que a tese seja discutida conjuntamente com o projecto dos estatutos da Federação. O requerimento é rejeitado, sendo a questão prévia, depois de vários congressistas usarem da palavra sobre o modo de votar, não só aquele documento, mas ainda um requerimento de Elísio Esteves (autor da *Nova estrutura*) que exigia votação nominal, aprovada por maioria; em prova e contra-prova.

Em virtude da tese *Nova estrutura da organização* não ser admitida à discussão, Elísio Esteves, ao entrar na apre-

ciação o projecto dos estatutos da Federação, tenta abandonar o Congresso tanto mais que a rejeição do requerimento para que a votação fosse nominal mais o habilita a supor de que fora desconsiderado por acinte. Este incidente deu origem a que a sessão fosse interrompida por cinco minutos.

Reaberta a sessão, discute-se na especialidade o referido projecto.

José Alves, quanto ao título da Federação, defende o mesmo critério que sempre expôs, isto é: de que todos aqueles que trabalham no comércio, quer manejem a pena, quer envergarem a blusa, são trabalhadores e como tais devem ser considerados.

Uma discussão agitada que termina harmonicamente

Eduardo Relvas diz ter havido como que uma transmissão de pensamento, pois era justamente a opinião do orador que se lhe antecedeu que tencionava exprimir. Considera também todos os empregados no comércio, seja qual for a sua categoria, desde a mais simples à mais elevada, como fazendo parte da grande família trabalhadora.

Costa Azevedo reprova não só o 1.º artigo, como os restantes, pois reconhece que a classe não está à altura de o compreender e receber. Todavia, acha bonito o título novo da Federação, excelente, excelentíssimo sendo até se em vez da palavra *trabalhadores* pusessem a de *assalariados*. Apresenta, com Inácio Vaz da Cruz, uma questão prévia, pela qual, atendendo a que ainda não foi aprovado qualquer artigo, é suspensa a discussão do projecto, baixando, conjuntamente com a *Nova estrutura*, ao estudo duma comissão, de cuja fará parte o camarada Elísio Esteves.

Entre outros, foram sobre o assunto Ferreira Cabecinha e José Vieira Alves, o último dos quais discorda com a questão prévia, pois as questões não se resolvem com comissões e mais comissões. Se o Congresso não tem competência para o estudo dos assuntos que lhe são presentes, então que se vá embora.

Gonçalves Pereira justifica que não é a título do 1.º artigo que horroriza os autores da questão prévia, mas tão só-

mente se trata da unificação da classe e duma justa homenagem a Elísio Esteves.

José Córvo não aceita a questão prévia em referência pela simples razão de que salta, com a comissão de estudo, por cima da comissão de pareceres. De resto, não era ela que, em 24 horas, estudava um assunto que levou 30 dias.

Deve-se, pois, entrar na discussão do artigo, tanto mais que era reconhecido a incompetência do Congresso se se resolvesse o contrário.

Dário Nôvo apenas discorda quanto à comissão de estudo, mas entende que as teses deviam baixar à comissão de pareceres.

Fausto Gonçalves requer, sendo aprovado, que a questão prévia seja posta à votação, sem prejuízo dos oradores inscritos.

Inácio Vaz da Cruz rebate José Córvo. E' certo que está de harmonia com a matéria contida nos Estatutos, mas o que também quer é que os militantes tenham a consideração de todos e, portanto, que se estabeleça um acordo entre Elísio Esteves e os autores dos Estatutos, pois não tolera que se faça um obstrucionismo como o que se está a fazer.

Costa Azevedo refere-se, calorosamente, à obra do Conselho Geral do norte, terminando por assegurar que talvez não haja ninguém, à excepção de dois ou três, que sobre o projecto dos Estatutos tenha uma opinião definida.

Rodrigues Loureiro, autor do projecto, declara perentoriamente que os delegados do sul não veem fazer obstrucionismo algum nem trazer espírito de barrismo. Mas se se trata, enfim, de harmonizar, não põe dúvidas, para pôr cêbro a toda a verdade, em aceitar que os Estatutos baixem a uma comissão, posta à votação a questão prévia, e rejeitada.

Dário Nôvo requer, a seguir, que o projecto de Estatutos baixe à comissão de pareceres, ouvindo-se sobre o assunto o relator da tese e o camarada Elísio Esteves.

Aprovado por aclamação, ouvindo-se vivas à unificação da classe.

8-9-1923

FOLHETIM DE «A BATALHA»

N.º 10

NA PRISÃO

POR

MAXIMO GORKI

IX

—«Senhor, meu Deus! Porque razão tanta maldade e tanta crueldade entre os homens? Meu Deus, porque?»

Como uma enorme e poderosa onda, esta interrogação atingiu Micha em pleno peito; e ele sentiu qualquer coisa, subtil e forte, invadi-lo.

Recuou sem falar, sentou-se à borda da cama, e apoiando as costas contra o ângulo do fogão, ficou no postigo o seu olhar atento, como se esperasse o fim da oração.

Mas o carcereiro replicou tranquilamente:

—Era muito comprida. Mas agora estou esquecido dela. Não sei se sabes que gosto muito de versos. Não se pareciam nada com as nossas palavras de sempre.

Micha percebeu que os olhos do guarda o miravam atentamente; ouviu a porta entreabrir-se, empurrada por alguém, e o estribilho monótono da canção, para além da janela,...

O calor do

foção tinha-lhe aquecido as costas, mas tinha no peito uma sensação de torção e de frio.

—Não te sentes bem? — perguntou o carcereiro. — O tempo está desagradável.

—Não, não é nada... — E Micha calou-se.

Parecia-lhe que sufocava; estava extranhamente pesado o ar do quarto e impregnado de efêvios quentes e insuportáveis. O estudante mal podia respirar.

—Deita-te! — aconselhou Olfizerof. — São horas de dormires.

E subitamente, acrescentou:

—Podes dormir sem receio. Sei quem aí está preso contigo.

Micha não respondeu. Os olhos do carcereiro despediram um último olhar, tranqüilizado, e desapareceram.

Em seu lugar só tinha ficado, a meio da porta, uma pequena abertura, redonda, por onde ele podia ver uma parte

da parede pardacenta, que uma luz igual e parada iluminava.

Frangindo doentamente os sobrolhos, Micha olhou a parede e repetiu:

O homem em parte alguma encontra amparo ou defesa.

Lá fora, a canção vibrava sempre, como se andasse errante na escuridão. Dir-se-ia que quem a cantava não podia mais parar, que se abandonara em absoluto ao sortilégio dessa melodia, e rasgava o peito para repetir, sem descanso, esse monótono lamento...

Depois, o ouvido de Micha foi brutalmente ferido por um ruído débil, incompreensível, como se estivessem caindo gotas de chuva...

X

Micha despiu a blusa e quiz deitar-se; mas os seus olhos paravam insistentemente sobre uma nódoa de bolor, que sobressaía em um recanto. E ele lembrou-se, de repente, do corpo escuro do preso, informe, moído de pontapés, estatelado contra o muro da prisão.

Impregnado de um sentimento, misto de mágoa e de compaixão, pôz-se a caminhar no quarto, a grandes passos. Depois ergueu-se até ao parapeito da janela, apoiou a cabeça aos dedos da grade e tamborileando com os dedos

do as trevas, solitários e audaciosos, erguiam-se homens fortes e austeros.

Caminhavam ao longo do muro da prisão, em desalinho, com todos, pensando continuamente; e grande o seu pensamento: abraça a vida inteira...

Em que pensam eles?

Micha saltou pesadamente para baixo da janela e recomeçou a caminhar no quarto.

Para lá da porta, no silêncio profundo do corredor, oudiva lentamente um som estranho, que lembrava água fervendo. Micha parou para escutar.

Não ouvia a água, mas sim, a água de lágrimas; ouvia, murmurava agitada, palavras sem nexo; e, nestas palavras, vibrava também uma inflexão de amargura...

Na extremidade do corredor, os carcereiros conversavam em voz baixa.

—E eis tudo!

Micha ouviu Olfizerof proferir esta exclamação.

De novo um som estranho se ouviu no quarto: algumas pancadas breves, entrecortadas de pausas iguais.

Micha olhou em volta: um rato corria silenciosamente pelo sobrado; semelhante a um pequeno novêlo de lá, desapareceu debaixo da cama.

Uma vez mais as pancadas ressoaram, nervosas. Micha adivinhou; depois, estremeando, apoiou fortemente a palma da mão contra a parede, sobre o áspero rebôco, como que para melhor apreender os sons.

Parecia-lhe que as pancadas vibravam precisamente neste ponto da pa-

riede. Pôz-se então de joelhos, e a sua alma escuraceu, sem que ele soubesse porquê. Levantou um braço, deixou-o cair, com desalento, tornou de novo a levantá-lo e começou a tamborilar maquinalmente com os dedos na parede.

Escutou mais uma vez: renascia o silêncio.

Ergueu-se de um salto, dirigiu-se a porta, e, apoiando os lábios ao postigo, em voz baixa, mas suplicante e inquietada, chamou:

—Olfizerof!

E quando o carcereiro se aproximou da porta, Micha segredou-lhe logo, nervosamente:

—Escuta, meu amigo. Ele bate...

—Wassil Nikitch?

—Sim! Será ele?

—E' ele... mas...

—Dize-lhe... uma palavra... dize-lhe que não compreendo.

—Tenho medo.

—Não importa. Seremos prudentes.

—Mas se vêem a saber... é contra mim que...

—Não; ninguém saberá coisa alguma. Dize-lhe que me ensine o alfabeto.

Olfizerof deu alguns passos atrás, e segredou do corredor, obediente:

—Bem... eu lhe direi...

E afastou-se. Voltou pouco depois, humilharam-se-lhe os olhos tristes e murmurou:

—Escuta...

Sem lhe responder, Micha correu para a parede, tomado de angústia, e

ficou imóvel, absorvido por um desejo inenunciável de falar, de falar sempre.

Com a boca entreaberta, ficou-se em pé diante da parede, olhando-a com os seus olhos iluminados e sórgos.

Pancadas, sucessivas e breves, era prolongadas, sucediam-se com intervalos cada vez mais longos, e os dedos de Micha, tremendo involuntariamente, repetiam-nas com atenção...

XI

Alguns dias depois, Micha, envolto em um cobertor, estava de pé ao parapeito da janela; com as espaldas firmemente apoiadas contra o montante e o sobrecenho carregado, examinava os desenhos fantásticos que o gelo tinha feito sobre os vidros.

Para além do muro, no céu de inverno, erguiam-se o sol quasi invisível, as nuvens iam-se tornando mais claras e transparentes. Tinha nevado; uma fina camada branca encobria o chão; a noite escura e gelada, rasgando aqui e ali aquela brancura, fitava o céu, indistintamente...

(Continuação)

MIQUEL BAKOUNINE

E' um folheto que todos devem ler, cuja edição acaba de ser feita pela biblioteca de A Sementeira.

Um exemplar, 300 — Pelo correio, 340

Pedidos a esta administração

